

E se as luas de Saturno fossem jaulas metálicas?

Concurso de Escrita Criativa da FEUP

Escrito por: Filipe de Bino

20/10/2024

Atenção!

O seguinte documento foi retirado dos *Arquivos Públicos do Império da Terra* e conseqüentemente é considerado confidencial. Por esta razão, é ilegal ler, partilhar ou transcrever os conteúdos deste ficheiro sem permissão de um membro do *Absoluto Governo da Terra* com autoridade A-3 ou superior.

Se o parágrafo anterior não se aplica a si, então está sobre a obrigação de fechar este documento imediatamente!

Se está a ler isto, então já é demasiado tarde para si.

Este documento contém a transcrição do diário de **Daniela Silva**, cidadã do *Império da Terra* e ex-Orientadora de Operações no *Posto de Extração de Trítio* "[INFORMAÇÃO APAGADA]" a orbitar **Saturno**, na sua alta atmosfera.

O principal objetivo deste posto e a sua tripulação foi a produção e exportação de trítio, utilizado nos **Reatores de Fusão Nuclear** para produzir energia na **Terra**.

As operações deste posto foram realizadas em prol do **Plano de Exploração Extraterrestre** e estavam previstas durar **1 ano**.

A tripulação iniciou as suas operações, no dia 24 de Agosto de 2230, tendo visto o final destas a 1 de Novembro de 2230, devido a [INFORMAÇÃO APAGADA].

No dia em que Daniela iniciou o seu cargo, acompanhavam-na **Jorge Costa**, Engenheiro de Equipamento Orbital e o irmão da Orientadora: **Sérgio Silva**, Biólogo de Operações Autossustentáveis.

O estado, condição e/ou localização das pessoas mencionadas neste documento são desconhecidos ou foram apagados dos **Arquivos Secretos do Império da Terra**.

Registo #1 - 25 de Agosto de 2230

Não planeio escrever isto de forma séria, pois não é, de maneira nenhuma, algo sério. Também não planeio ser rígida com a frequência com que escrevo isto. Provavelmente nem sequer vou fazê-lo todos os dias.

Não irei começar estes registos com “Querido Diário”, nem tratá-los como se fossem um antigo amigo ao qual conto as minhas frustrações. Apenas quero falar, pensar na situação em que me encontro, e documentar os dias que vou passar neste posto antigo e antiquado.

O meu nome é Daniela Silva, sou uma cidadã do Império da Terra, apesar de estar a escrever isto fechada numa estação espacial a orbitar Saturno, rodeada apenas pelo vácuo frio e monótono.

Ao olhar pela janela, vejo o grande planeta gasoso, colorido com tons de areia e cercado pelos seus hipnotizantes anéis de partículas. Parece tão distante, mas, ao mesmo tempo, é o mais perto que alguma vez estive de mim.

Se existe algo pelo qual posso agradecer, apesar da situação em que me encontro, é o facto de que não estou sozinha neste posto. Eu e o meu querido irmão mais velho, Sérgio, chegamos ontem, depois de um mês em viagem interplanetária. O segundo chama-se Jorge Costa e conheci-o hoje, depois de ele ter sido entregue por uma nave de transporte da *Frota Imperial*.

Nós os três crescemos na península no oeste do setor *E-1*, onde era Portugal e Espanha antigamente, antes da *Grande Unificação*. Pouco depois de termos feito vinte e um anos, recebemos a nossa convocação para o trabalho extraterrestre, tal como é comum para todos os novos adultos da Terra.

Não demorou muito até ao momento em que guardas do *Absoluto Governo da Terra* vieram às nossas casas e levaram-nos até um *Centro de Formação*, onde passamos o seguinte ano a aprender tudo o que era necessário para exercer os cargos que nos foram atribuídos.

O Sérgio é Biólogo de Operações Autossustentáveis, sendo ele o responsável por garantir que temos comida no prato até as operações deste posto acabarem. Por outro lado, o Jorge é Engenheiro de Equipamento Orbital, ou seja, está nas mãos dele garantir que este pedaço de metal em que habitamos não vai cair pela atmosfera de Saturno ou explodir por causa de uma despressurização.

Não tenho razão de queixa de nenhum deles. Não conheço o Jorge muito bem, mas quando lhe fiz algumas perguntas, ele parecia entender o trabalho que lhe foi atribuído, sem questionar muito. Já o Sérgio, conheço-o há demasiado tempo para andar à procura de algo para o desprezar e, afinal de contas, ele já me salvou de problemas demasiadas vezes.

Amanhã, vamos iniciar a extração do trítio, após o qual começa a contagem decrescente. Assim que abirmos os Painéis de Extração, teremos um mês para recolher e processar a quantidade necessária de trítio para alcançar a meta de exportação para a Terra.

Se não conseguirmos, os nossos superiores estenderão a duração das nossas operações, até acharem que já fornecemos suficiente ao Império da Terra. Até esse dia, estarei aqui presa, num trabalho forçado, a milhões de quilómetros do local onde nasci e das pessoas que sinto saudade.

Acho que vou deixar este registo por aqui. Apenas queria deixar assente o meu ponto de situação, antes das verdadeiras dificuldades virem. Além disso, já se faz tarde. O

Jorge está a fazer os últimos testes nos Tanques de Trítio, o Sérgio já verificou a condição das plantações hidropónicas e eu tenho um relatório para acabar antes de dormir.

Vou esperar pelo melhor, enquanto antecipo o pior. Amanhã será o primeiro de muitos longos dias e não me fará bem começar as operações com poucas horas de sono.

Vemo-nos amanhã...

Registo #2 - 26 de Agosto de 2230

Tenho de ser honesta... Este dia não foi assim tão horrível. Sim, os nossos turnos são longos e seria mentira se eu dissesse que não estou extremamente cansada, mas o nosso dia deu-nos tempo suficiente para não ficarmos completamente malucos com o trabalho que fizemos.

Começamos o dia de hoje após oito horas de sono cuidadosamente reguladas pelo Sistema de Bordo do nosso posto. Eu e o Sérgio ainda estávamos ligeiramente sonolentos, mas o Jorge acordou com uma surpreendente motivação, tendo ido ligar os Painéis de Extração assim que saiu do seu quarto, mesmo antes de tomar a sua ração matinal.

O Sérgio passou a maior parte do dia no Módulo de Hidroponia, a continuar os testes e verificações em todas as plantações que preparou ontem. Ele contou-me que esta fase é mais crítica, pois as nossas rações vão durar apenas três meses e, se não tivermos nenhuma plantação pronta no início do próximo mês, vamos acabar por esgotar as nossas reservas de comida eventualmente.

Fiquei perplexa quando ele me informou disto. Questionei-o se a Terra não nos enviaria mais mantimentos se nós precisássemos, mas ele quase que se riu descontroladamente. Aparentemente, se não queremos que a duração da nossa operação seja estendida, então temos de conservar os pedidos de mantimentos.

A resposta do meu irmão não foi suficiente para mim. Quando estávamos no intervalo de almoço, decidi contactar o Controlo de Operações, apesar de ter falado com eles no início do dia. Perguntei-lhes porque era necessário nós sermos responsáveis pelo cultivo das nossas próprias rações, mas a resposta deles deixou-me apenas com mais rancor da posição em que me colocaram, ao invés de saciar a minha dúvida.

Disseram-me que os envios de mantimentos são demasiado caros para os fazer de forma frequente e que, como somos uma Equipa de Operações Orbitais, é esperado de nós ter um alto nível de autossustentabilidade.

Não me disseram muito mais e, honestamente, mais valia ter gasto o tempo que perdi com esta pergunta desnecessária a almoçar mais calmamente.

O turno da tarde foi mais do mesmo. Cada um de nós passou o seu tempo de trabalho nos respectivos módulos do posto. Ainda visitei o Jorge, à espera de alguma ligeira conversa e talvez da oportunidade de o conhecer melhor, mas ele preferiu continuar focado no seu trabalho.

Tal como tinha pensado, o Jorge não me parece má pessoa e acima de tudo ele é um engenheiro com bastantes capacidades. No entanto, nota-se que ele não é alguém muito social ou falador. Ele gosta do seu espaço, das suas responsabilidades e do seu tempo. Quem seria eu se lhe tentasse tirar as únicas coisas que lhe parecem trazer felicidade?

Por momentos, acho que quase senti inveja dele... Talvez também queira encontrar felicidade no trabalho mundano e monótono que somos obrigados a fazer, invés de estar a questionar a razão pela qual vim aqui parar.

Depois da visita ao Jorge, dediquei o resto do dia a contar o nosso inventário - algo que já devia ter feito quando chegamos - e a fazer testes nos sistemas do posto. Como seria de esperar, estão em falta dois quilos de medicamentos e trinta peças de substituição diversas. Pelo menos, parece que os sistemas de bordo não têm erros para reparar... Ou reportar, no caso de eu ser incapaz de os resolver.

Em relação ao inventário em falta, preparei um relatório de reclamação a reportar os itens que nos faltam e o porquê de serem tão necessários, como se tal não fosse óbvio.

Enviei-o para o Controlo de Operações depois do Sérgio nos ter servido o jantar. Nem sequer tentei fazer uma chamada direta, pois temi que o meu superior já não me quisesse ouvir uma terceira vez hoje, especialmente para reclamar das nossas condições. Mas que raio é suposto eu fazer quando nem sequer nos colocaram num posto adequadamente abastecido?

De qualquer maneira, não interessa estar a perder sono com isto. Não tenho escolha nesta situação e já fiz o que pude para tentar resolver o problema. Agora, a única coisa que me resta fazer é aguardar pela resposta dos nossos superiores e esperar que decidam nos ajudar.

Como disse, o dia não foi horrível, mas tudo o que fiz deixou-me demasiado cansada para continuar a escrever este registo. Além disso, o Jorge já descansa no seu quarto, aqui no dormitório, enquanto que o Sérgio está a ler o livro que trouxe com ele da Terra, à minha espera para também se ir deitar.

Não quero deixá-lo muito mais tempo à espera e acho que já relatei bastante sobre este dia. Veremos como amanhã corre, mas se todos os dias forem como o de hoje, talvez as nossas obrigações venham a acabar mais cedo do que pensamos.

Por hoje é tudo. Vemo-nos amanhã...

Registo #3 - 9 de Setembro de 2230

Já se passaram alguns dias desde que escrevi pela última vez. Não abdiquei destes registos por cansaço ou falta de vontade, apenas não achei que os últimos dias fossem dignos de ser relatados. Não fizemos nada fora do normal, apenas o mesmo trabalho que temos feito desde o primeiro dia.

No entanto, senti que hoje foi um dia que merece ser lembrado. Não por causa de algum acontecimento extraordinário, mas por causa da conversa que tive com o Sérgio e o Jorge, durante o intervalo do almoço.

Continuei com a minha tentativa de quebrar o gelo, especialmente do Jorge, perguntando-lhe o que ele se imaginava a fazer no futuro, quando ainda era uma criança.

Claro que também fiz a pergunta ao Sérgio, apesar de já saber qual seria a resposta. O meu irmão sempre teve um grande amor por todos os animais do mar. Ele tinha o hábito de dizer aos nossos pais que queria ser um Biólogo Marinho e trabalhar num zoo, a cuidar de focas, golfinhos e pinguins.

O Jorge, por outro lado, disse que não costumava pensar muito nessa questão, mas que se tivesse tido oportunidade gostava de ter sido bombeiro e ajudado pessoas em perigo.

Senti pena dele, por ter sido obrigado a resignar de um sonho tão honesto e honorável, tal como eu tive de abdicar do meu desejo de ser veterinária e ajudar tantos animais quanto conseguisse.

Já há muito tempo que me debato e perco a minha paciência a pensar em todos os sonhos e aspirações que devem ser destruídos por esta obrigação que todos os cidadãos da Terra têm de cumprir. Quantos bravos bombeiros, inteligentes cientistas ou talentosos atores foram retirados das suas casas, apenas para serem enviados precariamente para qualquer canto longínquo do Sistema Solar? Como é que algo tão autoritário é considerado normal por nós, mas também por aqueles que nos ordenam?

Imaginar como seriam as nossas vidas, se nos tivessem dado a oportunidade de seguir os nossos sonhos, fez-me pensar no mundo em que cresci e como este se desenvolveu ao meu lado. Pensei em como, à noite, olhava para o céu sombrio da Terra e como via um infinito universo, repleto de belas paisagens e imperdíveis oportunidades, meticulosamente espalhadas pelo eterno cosmos.

Se tivesse sido eu a popular os planetas, as estrelas, e as luas, gostava de ter criado uma visão que fizesse jus aos sonhos que tinha sempre que via o céu estrelado da Terra. Talvez a minha visão seja nada mais que o meu ego a falar, tal como falaram tantos mais quando as fontes de energia não-renováveis do nosso precioso planeta começaram a desaparecer permanentemente, consequência da nossa crescente procura de energia e recursos.

Pela primeira vez, a humanidade olhou para as estrelas, procurando salvar-se de uma era destrutiva e anárquica, cuja chegada parecia não apenas inevitável, mas também iminente.

O nosso mundo era pequeno, limitado e efêmero quando comparado ao universo em que habitamos. A partir deste pensamento, foi criado o Plano de Exploração Extraterrestre, que pretendia satisfazer a necessidade de recursos e energia da Terra com a exploração dos outros planetas do nosso Sistema Solar.

O que me chateia mais sobre isto tudo é o facto de que num mundo repleto de pessoas livres e sábias, não houve ninguém, nem nenhum grupo capaz de contestar a maneira em que o governo da Terra decidiu resolver a crise que nos afetava.

Eles podiam ter investido em fontes de energias renováveis ou nas fontes de energia alternativas, mas ao invés disso decidiram focar toda a produção de energia da Terra na Fusão Nuclear recentemente descoberta.

No início, todo o trítio que a Terra utilizava vinha da superfície lunar, até ao dia em que a Lua deixou de conseguir suportar a produção energética do nosso planeta. A partir desse dia, iniciou-se a construção dos Postos de Extração de Trítio nas órbitas de Júpiter e Saturno.

Poucos meses depois, os primeiros milhares de cidadãos terrestres já estavam em formação e alguns já a caminho do posto que lhes tinha sido designado. Desde então, o ciclo repete-se e provavelmente continuará a repetir-se até ao dia em que o Império da Terra caia, se tal alguma vez acontecer.

Porquê que decidimos nos conformar com este estilo de vida? Apenas para continuar com as nossas vidas consumistas e superficiais?

Porquê que sacrificamos a nossa liberdade de escolher e viver as nossas vidas como queremos pelo permanente acesso às gratificações fáceis e mundanas? Como podemos pensar que tal é a vida que queremos viver?

Se é tão necessário vivermos assim, porque temos de ser obrigados a fazer este trabalho? Porque não somos recompensados pelo esforço que damos pela Terra?

Não importa... Não quero perder mais tempo a pensar nesta injustiça.

Se houve algo de bom no dia de hoje, talvez tenha sido a surpresa que o Sérgio me fez à hora de jantar. Aparentemente, ele trouxe algum leite e canela sorrateiramente, durante a nossa viagem interplanetária, e, em conjunto com alguns ingredientes que ele tirou do inventário biológico, dedicou o final do seu turno da tarde a cozinhar *Leite-Creme* para todos nós.

Ele contou-me que estava a guardar a surpresa para uma ocasião especial, mas revelou que hoje parecia um dia em que eu precisava de algo que me alegrasse. E de facto, a sobremesa do meu irmão lembrou-me da minha infância na Terra e dos jantares de Natal que passámos com os nossos pais. A sobremesa pode não ter sido excêntrica, mas ajudou-me a sair dos pensamentos deprimentes que me atormentaram a tarde inteira.

Estou muito grata por ter o meu irmão comigo e apenas espero que possa retribuir o amor e preocupação que ele demonstra todos os dias.

Vou pensar em algo para o surpreender. Se alguma ideia me vier à cabeça, irei escrevê-la aqui.

Por hoje é tudo... Vemo-nos amanhã...

Registo #4 - 21 de Setembro de 2230

Faltam apenas cinco dias para a nossa primeira exportação de trítio, o que nos tem deixado coletivamente ansiosos.

O Jorge garantiu-me que já armazenamos trítio suficiente para cumprir a meta de exportação deste mês. Ele também comentou que, se continuarmos com a mesma taxa de extração até ao dia da exportação, podemos enviar mais algumas gramas do que é esperado e talvez ganhar algum equipamento extra para o posto.

Enquanto que a intenção dele pareceu atenciosa, sinto que devíamos guardar o excesso e poupar algum trabalho no próximo mês. Quando contei isto ao Jorge, ele foi bastante compreensivo, mas expressou a sua preocupação com a falta de peças substitutas que já nos afeta desde o dia em que chegamos.

Ele relatou que, apesar da nossa extração estar dentro dos parâmetros esperados, os tanques de trítio já são antigos e, se estes precisarem de reparação, as peças necessárias podem estar em falta.

Não lhe quis dizer imediatamente que não, apesar de o poder ter feito. O argumento do Jorge fazia sentido, mas, visto que não éramos apenas nós os dois a tripular este posto, senti que também devia incluir o Sérgio nesta decisão.

Quando cheguei ao Módulo de Hidroponia e questionei o meu irmão, ele parecia hesitante em tomar um lado na discussão, mas acabou por concordar com o Jorge, argumentando que, se temos a capacidade de produção mensal suficiente, devíamos aproveitar a oportunidade para prevenir futuros problemas.

Apesar de ter a autoridade para não dar ouvidos aos argumentos dos meus colegas, não escapei à democracia que preservamos neste posto. Se não quero perder a confiança deles, é importante que mantenha a minha palavra e respeite as decisões que tomamos em conjunto.

Quando exportarmos as reservas de trítio atuais, vou fazer uma lista das peças que o Sérgio e o Jorge necessitam. Depois disso, é a minha responsabilidade garantir que o Controlo de Operações nos recompense pelo trabalho extra.

Apesar da extração de trítio estar ideal, tenho andado preocupada com o meu irmão. Enquanto que o Jorge tem andado relaxado e despreocupado com o seu trabalho, o Sérgio revelou que as plantações parecem estar ligeiramente subdesenvolvidas e que isso o tem vindo a deixar mais ansioso do que o normal.

Ainda temos rações suficientes para mais um mês, mas o meu irmão tem medo que algo se agrave e que sejamos obrigados a requisitar mais mantimentos da Terra. No entanto, sinto que isto é apenas o Sérgio a ser excessivamente cauteloso, como ele sempre foi, visto que, apesar do atraso no crescimento, as plantações continuam saudáveis e a desenvolverem-se estavelmente.

Apesar de tudo, estamos num bom caminho para concluir este mês de trabalho e acho que isto já está a ter um impacto positivo em todos nós. O trabalho continua repetitivo e esgotante, mas finalmente parece que está sob controlo.

Já está na altura de me ir deitar. Amanhã darei mais atualizações...

Registo #5 - 25 de Setembro de 2230

Hoje de manhã, acordei com o estridente ruído dos alarmes do posto. A juntar a isto, o Jorge ligou-me exaltadamente com um tom preocupado, a reportar que havia uma fuga no Módulo de Extração e que isso tinha ativado o alarme de emergência.

Eu e o Sérgio passamos a manhã inteira a ajudar o Sérgio a encontrar onde estava o problema e como resolvê-lo. Como se não fosse suficiente, não conseguimos ligar os Painéis de Extração durante o turno da manhã.

Depois de uma procura frenética, descobrimos que a fuga estava no Filtro de Isótopos do tanque defeituoso. Ficamos mais aliviados por ter encontrado o problema, mas as nossas preocupações estavam apenas a começar.

Assim que o Jorge viu onde a fuga estava localizada, olhou-me com um olhar aflito. Não entendi o que ele me estava a tentar dizer e comecei a desesperadamente questionar-lhe o que devíamos fazer.

Ele nem me respondeu, apenas se limitou a correr apressadamente até ao armazém do *Módulo de Extração*. Eu e o Sérgio fomos atrás dele, tentando acompanhar o seu passo, mas, quando o alcançamos, deparámo-nos com o Jorge de joelhos, debruçado sobre uma caixa.

Ele estava preocupantemente ansioso, enquanto murmurava “Não...” e “Não pode ser...” repetidamente. Depois de retirar todas as peças da caixa sem qualquer cuidado, o Jorge continuou a sua procura descuidada nas outras caixas do armazém, ainda sem nos explicar o que procurava e porque parecia tão aflito.

Ele deve ter revirado pelo menos cinco caixas de equipamento, antes de nos ter contado o que se passava. Quando o Jorge descobriu a parte do filtro que estava maliciosa, lembrou-se das peças que estavam em falta. Dessa descoberta, veio a sua ânsia, quando ele se apercebeu que não tinha o necessário para reparar o filtro.

A única solução em que conseguimos pensar foi isolar o tanque do filtro, até que consigamos reparar a fuga. Mas com esta solução precária, estamos sem acesso ao trítio que temos guardado naquele tanque e não temos qualquer maneira de produzir uma quantidade equivalente para a exportação amanhã.

Este desastre deixou o clima do posto tenso. Tanto o Jorge, como o Sérgio parecem bastante abatidos, agora que temos a certeza que vão estender a duração das nossas operações. O silêncio foi constante durante o resto do dia, apenas interrompidos pelas eventuais necessidades do trabalho.

O Sérgio tentou manter as nossas esperanças elevadas, mas é claro que até ele sente-se destroçado com o facto de que não vamos cumprir a nossa primeira meta de exportação.

O Jorge, por outro lado, afundou-se ainda mais no seu trabalho. Depois de termos jantado a mesma ração pré-cozinhada de sempre, ele contou-me que vai passar a noite a pensar em algo para recuperar o trítio até à hora da exportação. Espero mesmo que ele consiga pensar em algo, mas a este ponto já assumi o pior.

Nós tínhamos tudo pronto.... Estava tudo a correr bem.... Porquê que isto tinha de acontecer a nós?

Porquê que tinha de acontecer hoje?

Porquê que tenho de sofrer as consequências de algo que não tenho culpa?!

Registo #6 - 26 de Setembro de 2230

Se o dia de ontem foi um pesadelo, o dia de hoje foi uma caminhada pelo inferno.

Acordamos com o barulho ensurdecedor dos alarmes mais uma vez. O Sistema de Bordo não demorou a avisar-nos que havia outra fuga nos tanques de trítio.

O Jorge foi o primeiro a chegar ao Módulo de Extração, onde começou imediatamente a procura pelo tanque defeituoso.

Eu e o Sérgio ainda estávamos a sair dos nossos quartos quando o Jorge já procurava a fuga. Movemo-nos o mais rapidamente que conseguimos até ao Módulo de Extração, mas fomos interrompidos pelo Sistema de Bordo com um aviso ainda mais desesperante.

Em todos os ecrãs do posto, um sinal de perigo brilhante começou a piscar intensamente. Debaixo do sinal, em grandes letras, nós lemos o aviso:

“Explosão iminente! A ejetar o Módulo de Extração.”

As portas do módulo começaram a fechar, ainda com o Jorge lá dentro, enquanto que eu e o Sérgio ainda estávamos a ir ter com ele. Quando finalmente nos deparamos com a entrada do Módulo de Extração, já era demasiado tarde.

As portas já estavam seladas e o Jorge não foi rápido o suficiente para voltar para trás. Através da janela, vi-o a bater agressivamente no seu lado das portas, com uma cara de horror desesperante.

O Sérgio tentou abrir as portas seladas à força, enquanto eu procurava alguma opção no computador do *Módulo Central*, mas não foi suficiente para ajudar o Jorge.

Olhamos para a porta vidrada que nos separava do nosso ~~colega~~ amigo, procurando-lhe dar algum conforto ou descanso perante o seu destino inescapável, mas não havia nada que pudéssemos dizer ao Jorge que lhe realmente trouxesse calma.

Poucos momentos depois, o módulo e o seu involuntário passageiro foram projetados para longe do nosso posto. Como se a sorte do Jorge já não estivesse esgotada, não demorou até que o módulo destroçou-se numa grande e brilhante explosão, talvez um último ato de misericórdia deste universo frio e cruel.

A última imagem que temos de alguém que partilhou connosco um mês da nossa vida é a sua cara de desespero perante um desastre que tentou evitar. O Jorge não merecia isto. Alguém tão honrável e cuidadoso não merecia perder a sua vida assim...

Porquê que ele teve de morrer desta maneira?

Apesar de tudo, tive de me manter calma e comunicar o ocorrido ao Controlo de Operações. Assim que iniciei a chamada, lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos incontrolavelmente.

Quando o Controlo me atendeu a chamada, contei-lhes o que tinha acontecido, soluçando entre palavras, e a fungar rapidamente enquanto tentava manter a minha compostura.

Quem me atendeu a chamada limitou-se a repetidamente fazer perguntas sobre o acidente e o equipamento que se perdeu. Apenas no final da chamada, é que tiveram a lata de perguntar o nome do funcionário que morreu.

Não nos deram condolências, nem qualquer apoio. Apenas avisaram-nos que vão nos enviar um novo *Módulo de Extração* e um Engenheiro para substituir o Jorge, no início

do próximo mês. Como se não fosse suficiente, perdemos todo o trítio que extraímos até agora e já decidiram que vamos continuar fechados nesta maldita jaula por mais um mês.

Eles nem sequer querem saber! Um cidadão da Terra morreu e nem fizeram o esforço de preservar a história dele!

PORQUÊ QUE FAZEMOS ISTO QUANDO ELES NOS TRATAM COMO PEÇAS SUBSTITUÍVEIS?

Passei o resto do meu dia enfiada no meu quarto, a pensar, a falar sozinha e a chorar pelo Jorge. Por muito que me custe admitir que nunca consegui ficar próxima dele, ainda sinto a terrível angústia em perder alguém que teve tantas conversas comigo, que passou tanto tempo comigo, que me fez rir tanto apesar do absurdo da nossa situação.

O Sérgio tentou trazer-me o jantar ao quarto, visto que nem tentei voltar ao *Módulo Central* para jantar. Foi um ato muito gentil da parte do meu irmão, que é claro que está a fazer o máximo para me animar, mas até ele revelou que se sentiu impotente quando viu o Jorge nos seus momentos finais, sem nada que pudesse fazer para o ajudar.

O meu irmão sugeriu fazermos algo humilde, do género de um funeral, para relembrar o Jorge e os tempos que passamos com ele. O Sérgio já reuniu algumas fotos e os pertences do nosso amigo e pediu-me que amanhã esteja com ele na pequena cerimónia.

Eu vou estar com ele, em memória do Jorge Costa, nosso colega e amigo...

Tal como o vácuo do Universo, o nosso posto também ficou mais frio e vazio, assombrado pelo eco das vozes daqueles que partiram...

Registo #7 - 24 de Outubro de 2230

Já passou quase um mês desde o desastre que levou o Jorge. Desde então, passei os meus dias a desejar que tivesse sido eu a estar no lugar do nosso companheiro.

Esta incapacidade que temos de fazer alguma coisa, seja por lazer ou obrigação, tem dado comigo em louca. Tenho tentando ficar distraída lendo livros, vendo fotos antigas e fazendo jogos simples com o Sérgio, mas nada remove o ensurdecedor silêncio que ocorre durante a maior parte do dia.

Não estava com vontade de escrever isto, pois achava que não ia ter nada para documentar hoje, tal como em todos os outros dias desde o último registo. No entanto, eu e o Sérgio tivemos uma surpresa enquanto jantávamos.

Enquanto arrumávamos o que utilizamos para jantar, o Sistema de Bordo quebrou o silêncio repetitivo para nos avisar que tínhamos recebido uma nova comunicação. Ao contrário de todas as outras comunicações a que estamos habituados, esta não era proveniente do *Controlo de Operações*. A sua fonte de transmissão nem sequer era da Terra.

Quando abri o registo de comunicações, imediatamente chamei o Sérgio para ele confirmar o que eu estava a ler. No campo da descrição da mensagem, apenas apareciam três palavras:

“Nós podemos ajudar...”

Não havia nenhum identificador do emissor, apenas uma assinatura no final da mensagem - *“Nova Esperança”*.

Não tenho a mínima ideia de quem esteja por trás desta comunicação misteriosa, nem se as suas intenções são puras. No início, não tínhamos a certeza do que a mensagem nos estava a tentar dizer, nem se devíamos responder.

Eu e o Sérgio discutimos durante um bom bocado sobre o que devíamos fazer. Ele argumentou que não devíamos comprometer as nossas funções, especialmente com o novo equipamento e funcionário a chegarem nos próximos dias, mas consegui convencê-lo com a lembrança do trabalho que vamos ser obrigados a continuar, assim que o posto ficar funcional outra vez.

Chegamos à conclusão que, se há alguma chance de nos libertarmos desta obrigação penosa, então que devíamos procurá-la. Já não temos nada a perder, além deste fardo que nos foi colocado às costas.

Decidimos enviar uma simples resposta, que na verdade era uma pergunta. Vamos ficar com a esperança que este emissor desconhecido consiga responder à nossa questão:

“Quem são vocês?”

Registo #8 - 26 de Outubro de 2230

Ontem, recebemos mais uma mensagem anónima, durante o turno da manhã.

Quando ligamos o Sistema de Bordo, abrimos a comunicação com alguma ansiedade. Na descrição da mensagem, estava escrito:

“Somos um grupo de pessoas que já esteve na vossa situação. Nós conhecemos a sensação de ser obrigados a cumprir um trabalho interminável, mas nós queremos acabar com esta injustiça e revelar aos cidadãos da Terra as atrocidades que são cometidas para manter certas pessoas no poder.

Está na altura de mudar a maneira como vivemos. Está na altura de recuperar a liberdade e justiça que nos foi tirada!

Nós podemos tirar-vos daí, mas precisamos de algum tempo. Se estiverem interessados, respondam ‘Sim’ a esta mensagem.

Além disso, pela vossa segurança, não se esqueçam de apagar as nossas comunicações anteriores.

Entraremos em contacto novamente nos próximos dias. Mantenham-se fortes!

- Nova Esperança”

Pela primeira vez durante este mês de isolamento, tivemos um momento de esperança. Finalmente, parece que há alguém no meio do espaço que esteja igualmente farto da injustiça a que estamos a ser sujeitos. Claro que não demorámos a enviar uma resposta aos nossos salvadores desconhecidos, mas desde de ontem que continuamos à espera de mais informações.

Apesar do que descobrimos sobre os bons samaritanos que decidiram nos ajudar, hoje foi um dia em que tivemos de nos focar em repor o posto novamente funcional.

Pouco depois de eu e o Sérgio termos tomado as nossas rações matinais, recebemos uma mensagem do Controlo de Operações. Por momentos, senti um formigueiro frio a descer-me a espinha, pois assumi que tinham interceptado a mensagem anónima que recebemos. No entanto, a mensagem apenas serviu para nos avisar da chegada do novo Módulo de Extração e do novo Engenheiro.

Pelas janelas do posto, nós vimos as naves e drones da *Frota Imperial* a aproximar-se de nós.

As naves mantiveram-se na proximidade do posto, enquanto que os drones começaram a instalação do novo módulo imediatamente. Apesar de não ter havido qualquer comunicação direta com as naves da *Frota*, estas ficaram a vigiar-nos até a instalação ficar concluída, o que nos ocupou a manhã inteira.

Alguns minutos após as naves terem finalmente ido embora, outra nave de transporte atracou no hangar do posto. E dessa nave, saiu o nosso novo Engenheiro de Equipamento Orbital.

O nome dele é Paulo... Paulo Sobral. Pelos vistos, ele também cresceu no setor *E-1*, relativamente perto do local onde eu e o Sérgio vivemos as nossas infâncias.

Quando se juntou a nós no *Módulo Central*, cumprimentou-nos com um grande, mas suspeito sorriso, quase como se estivesse a dar-nos a sua simpatia sem ter vontade de o fazer.

Apesar de ser um pensamento estranho, ele faz-me lembrar do Jorge de certa forma. Ele tem a mesma dedicação ao trabalho que o seu antecedente, tendo passado a tarde de hoje a refazer os testes do *Módulo de Extração*, tal como o Jorge fez no dia em que chegámos.

No entanto, o Paulo é claramente mais extrovertido que o nosso antigo amigo. Durante o almoço, ele mostrou-se muito mais à vontade, fazendo perguntas sobre o que aconteceu no nosso posto antes de ele chegar, sobre as nossas vidas passadas na Terra e sobre o que fazíamos para passar o tempo.

Ele pareceu bastante interessado nas nossas vidas, mas também não teve problema em saciar as dúvidas que tínhamos sobre a vida dele. Decidi perguntar quais eram os sonhos dele, antes de ter sido enviado para este posto, mas a resposta dele deixou-nos perplexos.

Enquanto esperávamos mais uma história onde os sonhos de um humilde cidadão eram destroçados pela máquina governamental do *Império da Terra*, não foi essa a resposta que o Paulo nos deu. Ele contou-nos que vinha de uma grande família de leais Engenheiros de Operações Extraterrestres e que, desde criança, queria seguir o caminho do seu pai, trabalhando nas colónias espaciais da Terra.

Ele afirmou que é uma honra trabalhar nestes postos ou em qualquer outra função que sustente a Terra e o seu Império.

Ao contrário de mim e do Sérgio, o Paulo parece contente em estar aqui. Nunca pensei que iria conhecer alguém com tanta vontade de trabalhar nestas condições, mas ele surpreendeu-nos com a sua pressuposta lealdade ao Império que nos colocou nesta posição.

Durante o resto do dia, conspirei com o Sérgio sobre a mensagem que recebemos ontem, e se devemos revelar esse segredo ao Paulo, mas nós os dois receamos que ele não seja de confiança e que nos escolha denunciar ao Controlo de Operações por atos de traição. Por agora, decidimos manter as comunicações escondidas até que o Paulo mostre que pode ser confiado com o segredo que talvez nos vá salvar.

Espero que os nossos misteriosos heróis nos respondam no futuro próximo. Tenho medo que seja uma questão de tempo até que o Paulo descubra alguma coisa.

Assim que souber mais alguma coisa, voltarei a escrever...

Registo #9 - 31 de Outubro de 2230

Eles finalmente responderam!

Depois de cinco dias em que só conseguia pensar nos nossos heróis desconhecidos e qual seria a nova mensagem deles, acordei de manhã com uma nova notificação no Sistema de Bordo.

Apesar de ter assumido inicialmente que seria mais algum aviso do Controlo de Operações, os meus olhos quase que se encheram de lágrimas quando vi a nova mensagem anónima no registo de comunicações:

“Estamos a caminho...

Amanhã, uma nave de transporte vai atracar no vosso hangar pelas 16:00. Estejam prontos para abandonar o vosso posto.

Não podemos ficar por muito tempo. Esta é a vossa única oportunidade...

Não se atrasem!

- Nova Esperança”

Quando recebemos a notificação, o Paulo reparou no meu tom alarmado e ansioso. Ele quase me apanhou a ler a mensagem anónima, mas consegui fechar o registo de comunicações antes de ele ver algo incriminador.

O Paulo ainda me perguntou o que tinha visto para ficar tão alarmada. Limitei-me a dizer que era uma nova comunicação do Controlo de Operações, a questionar como as novas operações estavam a correr, mas ainda me questiono se ele terá realmente acreditado em mim.

O Sérgio já está a par de tudo o que temos de fazer amanhã, mas ele também está preocupado com o que vamos fazer com o Paulo. Nenhum de nós acha que ele pode ser confiado e estes últimos dias têm vindo a comprovar isso, mas devemos simplesmente abandoná-lo?

Não podemos arriscar nada para já. Quando a nave chegar amanhã, vamos ter de decidir se revelamos a verdade ao Paulo ou não. Até lá, não podemos correr nenhum risco...

Estamos perto... Muito perto...

Espero mesmo que os nossos heróis apareçam...

Registo #10 - 1 de Novembro de 2230

Eu e o Sérgio mal conseguimos dormir durante a noite.

Pensar constantemente na liberdade que parecia estar tão perto deixou-me demasiado ansiosa para dormir. Não ajudou que ainda estive a pensar na possibilidade do Paulo nos denunciar ao Controlo de Operações.

Quando acordámos de manhã, tentamos continuar a trabalhar normalmente, fazendo tempo até ao turno da tarde, quando estávamos a pensar arrumar os pertences que íamos trazer na fuga.

Senti que estávamos cada vez mais próximos do momento em que íamos contar a verdade ao Paulo e isso encheu a minha cabeça com mais dúvidas e preocupações. O meu irmão ofereceu-se para lhe contar tudo o que sabíamos, durante o intervalo do almoço, achando que, no máximo, o nosso amigo ia recusar o nosso convite.

No entanto, quando o Paulo soube a verdade e começou a conectar os pontos que tinha vindo a imaginar nos passados dias, ele perdeu completamente a cabeça. Ele chamou-nos traidores e cidadãos sem honra ou responsabilidade. Ele berrou connosco, dizendo que não nos deixava abandoná-lo no meio do espaço.

Mesmo quando lhe sugerimos que viesse connosco, ele mostrou o seu repúdio à ideia, e contou-nos que preferia continuar no trabalho que lhe foi designado até que o Controlo de Operações o mandasse voltar para a Terra. Nesse momento, ele ameaçou-nos, dizendo que nos ia denunciar por traição se não cancelássemos o nosso resgate.

Tentámos mantê-lo calmo, mas não demorou muito até que ele desatou a correr até ao Sistema de Bordo.

O Sérgio foi o primeiro a ir atrás do Paulo, tentando pará-lo. A certo ponto, o meu irmão conseguiu atirar o nosso colega ao chão, já a pensar que a ameaça tinha sido travada, mas não reparou naquilo que Paulo segurava intensamente no seu punho direito.

O meu irmão não teve tempo de reagir. Com um breve movimento, Paulo enfiou a sua chave de fendas profundamente no abdómen do meu irmão.

O Sérgio caiu no chão, enquanto gritava. Já o Paulo foi rápido a colocar-se sobre o meu irmão, tentando desencravar a sua chave de fendas para acabar o que tinha começado.

Vendo o meu irmão caído, com sangue a escorrer pela sua barriga, corri o máximo que conseguia para os alcançar. Nesse momento, já não estava a pensar claramente. Apenas precisava de pensar em algo que pudesse salvar a vida do Sérgio.

Quando cheguei perto o suficiente do Paulo, já só tinha na minha cabeça a intenção de o impedir de magoar mais o meu irmão.

Não pensei... Apenas agarrei o primeiro objeto que encontrei na proximidade - uma pequena caixa metálica, cheia de parafusos e porcas - e, com toda a força que consegui concentrar, golpeei o Paulo no lado da sua testa, espalhando os conteúdos da caixa pelo chão.

Ele caiu, mole e sem sinal de consciência, no meio do chão. Quando voltei a olhar para ele, sangue já escorria pela sua cabeça. Desde então, ele não voltou a levantar-se...

Corri ao auxílio do Sérgio, que ainda estava a perder sangue. Felizmente, o Paulo não conseguiu retirar a chave de fendas da barriga do meu irmão, o que estancou bastante a hemorragia.

Depois de lhe ajudar a andar até ao Módulo Médico, onde o Sistema de Bordo tratou das suas feridas, passei o início da tarde ao lado da única pessoa que me apoiou desde sempre.

O meu irmão está estável, apesar de continuar a grunhir quando se tem de mexer. Ainda estou chocada que quase vi o fim da vida dele à minha frente, mas agradeço que, apesar de todos os azares, não perdi o meu querido irmão.

O Paulo... ou melhor, o que resta do Paulo ainda está estendido no chão do Módulo Central. Não tive coragem de voltar lá e encarar aquilo que fiz, apesar de ter sido em defesa do Sérgio. Invés disso, passei o meu tempo a escrever o meu último registo.

Podemos não saber onde vamos, nem quem nos vai acolher, mas se as mensagens que temos trocado até agora forem de confiança, então finalmente encontrámos alguém que também quer rever a liberdade e justiça que nos foram retiradas.

Quando estivermos fora daqui, teremos uma nova oportunidade.

Uma oportunidade para seguirmos os sonhos que fomos obrigados a abandonar...

Uma oportunidade para sermos mestres das nossas vidas, fora desta jaula metálica...

Mas especialmente, uma oportunidade para criar uma liberdade duradoura e robusta, pronta a enfrentar os desafios com que nos deparamos e sempre a lembrar-nos da saudade que sentimos dela...

O relógio do posto acabou de marcar as quatro da tarde e, nesse exato momento, recebemos a predileta mensagem no Sistema de Bordo:

“Estamos a chegar...”

Pela janela do Módulo Médico, eu e o Sérgio conseguimos observar a pequena nave que velozmente atracou no Hangar do posto. O Sérgio já foi pegar nos seus pertences e eu não tenho mais tempo a perder.

Esta história pode acabar por aqui, mas a nossa liberdade continuará eternamente...

Até ao dia em que nos vejamos outra vez!

Anexo:

O *Posto de Extração de Trítio* “[**INFORMAÇÃO APAGADA**]” foi descoberto, à deriva, na órbita de **Saturno**, no dia 7 de Novembro de 2230.

Quando guardas da **Frota Imperial** embarcaram o posto, encontraram apenas um dos tripulantes: **Paulo Sobral**, que já se encontrava morto devido a ferimentos diversos.

O **Registo de Comunicações** e o **Histórico do Sistema de Bordo** do posto foram apagados por um membro da tripulação não identificado, antes da **Frota Imperial** ter chegado ao local.

O posto foi retirado da órbita de **Saturno** e enviado para a **Terra**, com o intuito de ser reparado ou reciclado.

Os outros tripulantes do posto - **Daniela Silva** e **Sérgio Silva** - nunca foram encontrados.

“A liberdade é algo de que nos esquecemos quando a temos, e de que sentimos saudade quando ela desaparece.”